

HISTÓRIA DE VIDA E CARREIRAS NA MEDICINA: POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS

LIFE HISTORY AND CAREERS IN MEDICINE: METHODOLOGICAL POTENTIALITIES

Rodilon Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
teixeira.17@outlook.com

Ana Heloísa da Costa Lemos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
aheloisa@iag.puc-rio.br

Submissão: 23/08/2024

Aprovação: 23/03/2026

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo destacar o potencial do método história de vida para pesquisas na área de Administração e refletir sobre seus desafios. Para ilustrar sua aplicação, apresenta-se um estudo empírico no campo de carreira que buscou evidenciar como o contexto social influenciou as trajetórias profissionais de quatro médicas. O estudo revelou que, apesar de estarem em fases semelhantes de carreira, as médicas percorreram trajetórias distintas, em decorrência de suas origens sociais, o que questiona a aparente homogeneidade de suas carreiras. O método permitiu relativizar discursos meritocráticos ao evidenciar a influência da origem social nesses percursos. O artigo detalha procedimentos, desafios e reflexões sobre o uso do método e ressalta a importância da reflexividade, da co-construção e da análise temática para garantir profundidade e rigor científico. O artigo contribui para ampliar o conhecimento sobre a aplicação do método história de vida na Administração e incentiva pesquisadores a fazerem uso do método, fortalecendo a presença dessa abordagem no campo.

Palavras-chave: História de vida. Campo da administração. Estudos de carreira. Medicina. Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This article aims to highlight the potential of the life history method for research in Management and to reflect on its challenges. To illustrate its application, an empirical study in the field of medicine is presented, featuring accounts from four doctors that demonstrate how social context influences their professional trajectories. The study revealed that, despite being at similar career stages, the doctors exhibited different trajectories due to their social origins, which questions the idea of homogeneity. The method allowed for relativizing meritocratic discourses by emphasizing the influence of social factors on merit. Methodologically, the study details procedures, challenges, and reflections on using the method for beginners, highlighting the importance of reflexivity, co-construction, and thematic analysis to ensure depth and scientific rigor. The article contributes to expanding knowledge about the particularities of life history in Management. It encourages researchers to overcome initial hesitations, strengthening the presence of this approach in the field and fostering a broader understanding of the complexities of professional trajectories.

Keywords: Life history. Administration field. Career studies. Medicine. Pierre Bourdieu.

1. INTRODUÇÃO

O método história de vida, definido por Queiroz (1991, p. 6) como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”, foi empregado originalmente nos estudos clássicos de pesquisadores da Escola de Chicago na década de 1920 (Godoy, 2018). Esta é a designação conceitual que adotamos no presente trabalho; contudo, existem diversas abordagens semelhantes (autobiografias, biografias, narrativas etc.) que também utilizam relatos de histórias individuais como fonte de pesquisa (Barros; Lopes, 2014). Cada uma dessas abordagens possui seu próprio delineamento metodológico; porém, este artigo foca no método da história de vida, especialmente aquele que busca compreender o sujeito em sua totalidade, considerando aspectos tanto individuais quanto coletivos (Carvalho e Costa, 2015).

O método história de vida é empregado em diversas disciplinas, tais como Sociologia, Antropologia, Psicologia, Medicina, História e Administração (Gunz e Peiperl, 2007). A interdisciplinaridade é uma de suas características, assim como a existência de um referencial bibliográfico extenso e disperso, aliada a outras peculiaridades de sua aplicação, o que, por vezes, dificulta que pesquisadores reconheçam o potencial desse método ou obtenham a plenitude das contribuições que ele possibilita. Apesar de suas potencialidades, passados mais de cem anos desde seu surgimento nos Estados Unidos, observamos que, no campo da Administração no Brasil, a abordagem iniciou sua trajetória apenas nos anos 2000 (Teixeira; Lemos; Lopes, 2021), tendo emprego restrito na área (Godoy, 2018).

Levantamentos bibliográficos nacionais que analisaram o emprego do método história de vida na Administração, como os de Closs e Antonello (2011), Colomby, Da Luz Peres e Lopes (2016), Avila, Lourenço e Fernandes (2018) e Teixeira *et al.* (2021) constataram a escassez de estudos que aplicam o método à área, além da ocorrência de imprecisões em trabalhos que utilizam este caminho metodológico. Os estudos também apontaram que a abordagem permite resgatar a valorização da dimensão humana, possibilitando uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado. Além disso, enfatizaram que a história de vida não é apenas um método, mas uma forma diferente de enxergar a pesquisa e o trabalho do pesquisador, propiciando reflexões mais profundas do que as de outras estratégias metodológicas.

Diante das reflexões e desafios apontados pelos referidos estudos, buscamos, no presente artigo, contribuir para ampliar o conhecimento sobre o uso do método história de vida e oferecer subsídios para que os pesquisadores avaliem a adequação de seus projetos a este método. Assim, o propósito deste artigo é evidenciar as potencialidades do método história de vida para investigações na área de Administração e discutir os eventuais obstáculos que os pesquisadores podem encontrar ao utilizá-lo. Para isso, apresentamos reflexões sobre o uso do método, com base em um recorte de um estudo que investigou a influência do contexto social no desenvolvimento de carreiras na área médica, por meio da história de vida, destacando as possibilidades e desafios vivenciados durante a aplicação do método.

Este artigo está estruturado em seis seções, incluindo esta introdução. As duas seções seguintes apresentam as bases teóricas que fundamentaram a pesquisa que serve de referência ao presente artigo, seguidas, na quarta seção, de considerações metodológicas sobre o método da história de vida. A quinta seção apresenta e discute os achados do estudo mais amplo, que exemplifica o uso do método, e a sexta seção apresenta as considerações finais.

2. O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA

A palavra *histaur*, em grego, designa o narrador, aquele que conhece de onde vem a ideia ou a forma, e envolve uma noção do devir, da experiência e daquele que pode produzir

um relato (Barros; Lopes, 2014). Os recursos disponíveis nessa técnica podem realçar os diversos papéis desempenhados pelo sujeito na sociedade e auxiliar na compreensão do universo do qual fazemos parte (Atkinson, 2001).

O método história de vida teve suas primeiras aplicações na antropologia cultural na década de 1920 e ganhou destaque entre os pesquisadores da Escola de Chicago (Godoy, 2018). Nesse período, os sociólogos dessa escola passaram a investigar, de forma sistemática, as dinâmicas sociais nas cidades próximas, com ênfase em temas como ecologia social, demografia e urbanização. Também se destacaram os estudos sobre desvio social que mais tarde contribuíram para o desenvolvimento de uma sociologia das carreiras (Barley, 1989). A investigação conduzida por Thomas e Znaniecki (1996), publicada originalmente em 1918 sobre a desorganização social entre imigrantes poloneses, foi pioneira na utilização da história de vida como técnica para formular “hipóteses realistas” e compreender como os sujeitos construíam suas trajetórias (Barley, 1989; Bertaux, 1999; Queiroz, 1991). Para Thomas e Znaniecki (1996), esse método permite reunir depoimentos capazes de evidenciar a complexidade da vida social.

Entretanto, após a Segunda Guerra Mundial, a abordagem perdeu destaque em favor das pesquisas quantitativas (Carvalho; Costa, 2016). Somente nas décadas de 1970 e 1980, o método ressurgiu com novas orientações teóricas, atraindo o interesse de pesquisadores para explorar as interconexões entre o microcontexto e as dinâmicas macrosociais (Costa, 1999). A Sociologia Clínica, uma abordagem que aproxima a Sociologia e a Psicologia, destaca-se como uma das correntes teóricas que utilizam o método história de vida (Carvalho; Costa, 2016).

O desenvolvimento do método, segundo defende Joutard (1996), teve duas correntes iniciais: uma focada nas histórias das elites sociais e outra dedicada às pessoas “sem história” (Joutard, 1996, p. 43), em geral vinculadas à antropologia. A partir dos anos 1980, influenciadas pelas tradições hermenêuticas e fenomenológicas oriundas dos estudos biográficos, surgem reflexões sobre o agir e o pensar humano, representados por figuras orientadas e articuladas no tempo, organizadas e construídas com base nos relatos individuais (Delory-Momberger, 2012). No entanto, há obstáculos epistemológicos e metodológicos, incluindo a diferença entre o “ato de viver”, o “ato de contar” e o “ato de interpretar a história”, ou seja, a narrativa elaborada pelo pesquisador, que necessita de reconhecê-la (Ricoeur, 1983, 1984, 1985).

Além disso, a narrativa da própria história é uma forma importante para o sujeito entrevistado reconstruir sua trajetória de vida e lidar com o passado, o presente e o futuro, revelando um caráter terapêutico que não é clínico, mas que emerge sob a perspectiva metodológica. A interação com o sujeito vai além do ato de pesquisar, permitindo ao participante reflexões sobre sua vida e destino, o que pode levar a uma transformação da existência e à possibilidade de ressignificação e de transformação pessoal (Granato; Lopes; Costa, 2020).

Assim, ao longo deste percurso, muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento solicitaram aos seus entrevistados: “conte-me sua história...”, mas os objetivos e interesses em ouvir essas histórias são muito distintos, além de recorrerem a uma diversidade de abordagens (autobiografias, biografias, narrativas pessoais), o que resulta em uma heterogeneidade no que se compreende como história de vida (Barros; Lopes, 2014, p. 41). Apesar disso, existem aproximações entre as referidas abordagens, relacionadas às formas de contar uma história e ao cuidado na compreensão do sujeito e de seu mundo.

A interdisciplinaridade é uma característica própria do método história de vida (Atkinson, 2001), inicialmente adotado na Antropologia e, posteriormente, na Sociologia, Psicologia, Ciências Políticas, Medicina, História, Educação e Administração, entre outras (Avila *et al.*, 2018; Colomby *et al.*, 2016; Godoy, 2018). Entretanto, diante das peculiaridades e variações observadas nas distintas disciplinas, podem ser necessárias adaptações devido às

diferenças nos contextos de pesquisa, nas características dos campos e nas concepções e compreensões epistemológicas dos pesquisadores acerca da pesquisa acadêmica.

Dessa forma, a importação e o emprego direto das referências, sem analisar essas distinções, podem levar a interpretações equivocadas ou ao emprego inadequado da abordagem, conforme destacaram os quatro levantamentos bibliográficos que analisaram o emprego do método história de vida na área da Administração: Closs e Antonello (2011), Colomby *et al.* (2016), Avila *et al.* (2018) e Teixeira *et al.* (2021). Estes estudos realizaram levantamentos sobre o emprego desta abordagem e trouxeram contribuições e sugestões para aperfeiçoá-la.

O primeiro estudo, realizado por Closs e Antonello (2011), analisou o período de 1999 a 2010 e discutiu as possibilidades de uso do método história de vida em investigações sobre aprendizagem gerencial. O estudo identificou um aumento no uso da abordagem referente ao tema a partir de 2007, considerando que seu uso pode contribuir para o resgate da valorização humana, permitindo compreender fenômenos coletivos por meio de relatos de vivências e experiências pessoais. Além disso, considerou que a sistematização dos conhecimentos sobre esse método de pesquisa é escassa na literatura aplicada à Administração. O estudo também afirmou que uma limitação associada ao uso do método é o tempo necessário para realizar uma série de entrevistas com cada respondente (Atkinson, 2021).

A pesquisa bibliométrica realizada por Colomby *et al.* (2016) constatou um aumento no uso da metodologia de história de vida entre 2009 e 2010, mas com tendência de redução nos anos seguintes. Os autores destacaram que a escolha pela história de vida não é apenas a de um método entre outras opções de pesquisa qualitativa, mas também uma forma de enxergar a pesquisa e o trabalho do pesquisador. Essa abordagem permite compreender um fenômeno sob múltiplas facetas e pode ser um meio de reflexão, de intervenção e de transformação social. Além disso, a metodologia pode ir além de uma pesquisa acadêmica e propiciar reflexões mais profundas do que outros caminhos metodológicos.

A revisão de literatura realizada por Avila *et al.* (2018) analisou publicações entre 2013 e 2017. Os autores encontraram a maior quantidade de trabalhos em 2014, seguida de uma redução nos anos seguintes. Foram analisados 27 artigos que empregavam a história de vida como metodologia, em alguns casos combinada à técnica de entrevista de história de vida. Apesar de estar presente na área da administração, o método foi considerado pouco utilizado, tendo registrado uma queda em seu uso nos anos de 2015, 2016 e 2017. O estudo indicou a necessidade de que os pesquisadores se apropriem dessa metodologia ainda pouco conhecida, bem como ampliem seu uso no campo da Administração.

Da mesma forma, Teixeira *et al.* (2021) realizaram uma revisão bibliográfica das publicações que empregaram o método história de vida na área de Administração no Brasil, entre 2001 e 2020. Os autores identificaram o aumento constante do uso do método ao longo do período, bem como a diversidade de designações e categorias de trabalhos que o utilizaram. A maioria dos estudos realizou entrevistas com um pequeno número de sujeitos, entre um e cinco, e ampliou a diversidade de ocupações dos sujeitos pesquisados, que totalizaram 11. O estudo também ofereceu sugestões para iniciantes e alertou para as possíveis dificuldades a serem enfrentadas durante a pesquisa, além de contribuir para uma melhor compreensão da abordagem no contexto da pesquisa acadêmica em Administração.

Observamos que os estudos que analisaram o uso do método história de vida no campo da Administração foram unânimes em constatar o crescimento do uso, mas também o consideraram reduzido diante das possibilidades e do potencial dessa abordagem. Essa constatação ressalta a importância do presente estudo, que buscou apresentar o potencial do método história de vida para pesquisas no campo da Administração e refletir sobre os desafios enfrentados por pesquisadores que o utilizam.

Embora alguns estudos tenham apontado que o maior tempo dedicado a várias entrevistas seja considerado uma limitação (Atkinson, 2001), é justamente este tempo que

possibilita a profundidade do estudo. Além disso, substitui-se uma grande quantidade de entrevistas, realizadas de maneira mais superficial, por um número mais restrito, realizadas com maior profundidade. Os benefícios das entrevistas longas na pesquisa, conforme defendem Crawford, Chiles e Elias (2021), decorrem das interações que propiciam detalhes narrativos ricos que inspiram saltos conceituais, que, por sua vez, podem levar ao desenvolvimento de teorias impactantes.

O método utiliza a entrevista aberta, em que o pesquisador explica os propósitos da conversa, em vez de adotar uma estrutura rígida, e, durante a narrativa, permite que se façam perguntas com base no que a pessoa está dizendo, aprofundando a reflexão. Esse tipo de entrevista apresenta, em geral, materiais densos e de alto grau de reflexividade; entretanto, não podemos definir previamente se essa profundidade será obtida com base em uma, duas ou três entrevistas, algo que será percebido no desenvolvimento do trabalho e estará diretamente vinculado aos objetivos estabelecidos. Ademais, uma particularidade desse método é conectar a história individual à coletiva, dado que o nível individual está interligado ao nível geral de análise, pois ambos nos remetem ao campo social (Barros; Lopes, 2014).

Encontramos o emprego de diferentes formas de análise dos relatos colhidos por meio do método, sendo a análise de conteúdo e a análise do discurso as mais comuns empregadas para analisar os conteúdos no campo da Administração (Avila *et al.*, 2018; Colomby *et al.*, 2016; Teixeira *et al.*, 2021). Entretanto, o uso de algumas dessas formas de análise pode não estar alinhado com o método, advertência apresentada por Michelat (1975) com relação ao emprego da análise de conteúdo, proposta por Berelson (1984), visto que é uma metodologia imbuída de objetivismo e de pressupostos positivistas, não sendo a mais recomendada para examinar um conteúdo obtido em uma entrevista não diretiva, como é o caso da história de vida. No que se refere à análise de conteúdo, seguindo a sugestão de Riessman (2008), a análise temática pode ser particularmente valiosa, pois difere de outros modelos de análise de conteúdo, como a proposta por Bardin (2011), por se basear em relatos amplos, mantidos e analisados como unidades, em vez de fragmentos de categorias temáticas. Além disso, na análise de conteúdo mencionada (Bardin, 2011), o contexto dos relatos é frequentemente desconsiderado em favor da identificação do que é comum ao conjunto de dados, com base na contagem de frequência (Godoy; Brunstein; Brito; Arruda Filho, 2020).

Ao concluir a apresentação do método história de vida, destaca-se a reflexão de Bertaux (1999, p. 12) sobre o propósito dessa abordagem. O autor enfatiza que “trabalhar com história de vida não é esvaziar a crônica dos acontecimentos vividos, mas dar sentido ao passado e, portanto, ao momento presente”. Essa perspectiva reforça a ideia de que o método não se limita ao registro cronológico de fatos, mas busca compreender as experiências em suas dimensões sociais e subjetivas, atribuindo-lhes significado no contexto das trajetórias individuais e coletivas. Assim, a história de vida torna-se uma ferramenta de investigação que articula memória, experiência e interpretação, possibilitando compreender como os sujeitos constroem sentidos para suas vivências.

Na seção seguinte, apresentaremos o referencial sobre os estudos de carreira e sua relação com os contextos que fundamentam teoricamente o estudo da carreira médica que ilustra, no presente artigo, a utilização do método história de vida no campo da administração.

3. OS ESTUDOS DE CARREIRA: INTEGRANDO A TRAJETÓRIA INDIVIDUAL E O CONTEXTO SOCIAL

Os estudos de carreira, semelhantes ao método história de vida, têm suas origens na década de 1920, quando os sociólogos de Chicago estudaram de perto as vidas sociais nas cidades e em seu entorno (Barley, 1989). Todavia, a incorporação dos estudos de carreiras ao campo da Administração é mais recente, tendo ocorrido na década de 1970, quando esses

estudos se tornaram um campo autônomo de pesquisa dentro dos estudos organizacionais (Gunz & Peiperl, 2007).

Os modelos teóricos contemporâneos sobre os estudos de carreira, na área de Administração, enfatizam a autodeterminação do indivíduo, com ênfase nas chamadas carreiras sem fronteiras e proteanas. Essas definições têm em comum a valorização da autonomia individual na definição do percurso profissional e a crítica à ideia de carreira tradicional, caracterizada por uma sucessão linear e ascendente de empregos em um único empregador. (Arthur, 1994; DeFillippi & Arthur, 1996; Hall, 2004). Esses modelos dedicam maior atenção aos aspectos individuais, valorizando o desempenho individual e promovendo uma visão meritocrática que enfatiza competências singulares (Gunz e Peiperl, 2007).

Apesar de amplamente difundidos, os novos modelos de carreira enfrentaram críticas por desconsiderarem a influência da origem social e das experiências educacionais e profissionais nas carreiras (Peugny, 2014). A ênfase na agência, especialmente nas carreiras sem fronteiras e proteanas, foi questionada (Souza et al., 2020). Em resposta, surgiu, nos anos 2000, uma perspectiva de carreira fundamentada na teoria da prática de Pierre Bourdieu (Iellatchitch et al., 2003). Essa abordagem reage à falta de consideração das dimensões contextuais que dominaram os estudos de carreira nos anos 1990 (Mayrhofer et al., 2007). Estudos baseados em Bourdieu valorizam o contexto, destacando as diversas barreiras ao longo das trajetórias individuais (Gander, 2019).

O emprego da abordagem bourdieusiana possibilita realizar um recorte transversal de pesquisa capaz de situar as carreiras em múltiplos contextos, integrando os níveis de análise individual, organizacional e social (Souza, 2022). Assim, ampliam-se as análises das carreiras ao serem considerados, também, aspectos da origem social e dos contextos em que estão inseridos os sujeitos e as carreiras. Podemos obter, nas biografias dos agentes sociais, a riqueza dos detalhes de suas histórias pessoais e profissionais, dado que é no contexto de origem que se insere a classe social, a situação de vida atual, os antecedentes laborais, a socialização educacional, além do início da trajetória profissional (Mayrhofer; Meyer; Steyrer, 2007).

A incorporação do arcabouço bourdieusiano implicou a consideração dos efeitos dos diferentes tipos de capital - econômico, cultural, social e simbólico - nas trajetórias de carreira, o que desafia a interpretação meritocrática, habitualmente dominante nos estudos de carreiras contemporâneas. Nos termos de Bourdieu (2017) entende-se o capital econômico como os bens e direitos conversíveis em dinheiro, transmitidos, inclusive, por meio da herança (Bourdieu, 2017). O capital cultural refere-se ao conhecimento, à educação e ao acesso às diferentes modalidades de bens culturais. O capital social é associado “às redes de relacionamentos e conexões sociais” do indivíduo (Gomes & Bouty, 2011, p. 925), e o capital simbólico relaciona-se ao prestígio e ao reconhecimento social (Bourdieu, 2017).

À luz desse arcabouço, entende-se que as trajetórias de carreiras se desenvolvem em diversos “espaços sociais”, termo que, na concepção bourdieusiana, deve ser entendido como “[...] um espaço multidimensional de posições relativas”. Nela, cada posição pode ser definida em função de um conjunto multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem ao volume total de capital possuído pelos agentes (primeira dimensão) e à sua composição (segunda dimensão)” (Catani; Nogueira; Hey; Medeiros, 2017, p. 119).

A consideração desses conceitos permite ampliar o foco nos percursos individuais ao se considerar, como pano de fundo, o contexto social de origem, bem como a socialização educacional e profissional (Mayrhofer; Meyer; Steyrer; Langer, 2007).

Embora as abordagens que enfatizam a influência do contexto e da origem social nos percursos profissionais venham ganhando atenção nos estudos de carreira, estas ainda são periféricas e necessitam de maior exploração conceitual e empírica; nesse sentido, argumentamos que o emprego do método história de vida pode contribuir para a ampliação desses estudos. O referido método tem potencial para aprofundar os estudos de carreiras, por

permitir a incorporação de aspectos da origem familiar e de demais contextos sociais às trajetórias individuais. Por esse motivo, essa foi a lente teórica escolhida para embasar conceitualmente a pesquisa sobre as trajetórias médicas que ilustra o presente artigo.

Na seção a seguir, iremos explorar os aspectos fundamentais da pesquisa apresentando informações detalhadas sobre as participantes e os procedimentos adotados para a coleta de seus relatos. Além disso, discutiremos as análises desenvolvidas a partir de suas histórias e trajetórias de carreira, sempre à luz da perspectiva bourdieusiana que contextualiza as dinâmicas de carreira. Essa abordagem teórica nos permitiu uma compreensão mais profunda das experiências de cada participante, proporcionando um panorama rico e significativo de suas jornadas profissionais.

4. A HISTÓRIA DE VIDA NA PRÁTICA: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA ABORDAGEM

Para exemplificar o uso do método história de vida, apresentamos, a título ilustrativo, o recorte de um estudo mais amplo sobre carreiras médicas, realizado pelo primeiro autor do artigo em sua tese de doutoramento, com vistas a ressaltar o emprego da abordagem. O referido estudo teve o propósito de compreender as influências da origem social no desenvolvimento da carreira médica, tendo como base os relatos de experiências vivenciadas por médicas ginecologistas e obstetras, com atuação na cidade do Rio de Janeiro, que se encontravam em fases similares da carreira.

O estranhamento em relação ao contexto de trabalho na carreira médica foi um dos fatores iniciais que motivaram o referido autor a escolher esse campo de investigação, uma vez que é casado com uma médica, cuja rotina e cotidiano diferem significativamente dos seus. Esse convívio conjugal acabou por se tornar, no estudo, uma via de aproximação com as médicas entrevistadas, favorecendo certa empatia e compreensão de suas experiências. Tal proximidade foi potencializada pelas interações cotidianas com a esposa e com outras médicas do círculo pessoal, o que permitiu ao pesquisador compreender, ainda que indiretamente, aspectos do universo profissional e das vivências que emergiram nas narrativas analisadas.

Durante a fase de planejamento e elaboração do estudo, a definição do procedimento analítico a ser aplicado aos relatos gerou certa hesitação, uma vez que deveria estar em consonância com o método da história de vida. As dúvidas iniciais intensificaram-se diante das diversas possibilidades de análise empregadas em pesquisas no campo da Administração, como a análise de conteúdo, do discurso e das narrativas, entre outras (Colomby et al., 2016; Teixeira et al., 2021). Para um pesquisador iniciante nessa abordagem, o processo analítico demandou aprofundamento teórico, dedicação e reflexividade, pois não se tratava de um exercício simples ou intuitivo, especialmente diante da variedade de enfoques possíveis, que variam conforme os objetivos e a perspectiva epistemológica adotada no estudo.

O uso de notas de campo mostrou-se uma prática fundamental nas etapas de análise e de tomada de decisões metodológicas, especialmente na definição dos recortes e temas que comporiam a investigação. Esse hábito foi incorporado com base em experiências anteriores do pesquisador em estudos de inspiração antropológica. As anotações foram realizadas de duas formas: em um caderno físico, onde se registraram dúvidas, escolhas e definições, tomadas individualmente ou em conjunto com a orientadora e segunda autora do presente artigo, durante todo o período do estudo; e no software MaxQDA, em um campo específico para esse fim. Após cada entrevista virtual eram inseridas observações, percepções e reflexões sobre o encontro, momento em que o pesquisador exercitava a reflexividade e reconhecia seu papel como agente participante na construção e na interpretação das histórias de vida analisadas.

Uma das notas de campo relata um momento em que a reflexividade do pesquisador emergiu profundamente ao reconhecer a conexão pessoal com a trajetória de Anna, cuja história

familiar revelou um forte vínculo com a relojoaria, profissão também exercida pelo pai do pesquisador. Ao ouvir Anna relatar, com emoção, o apoio do avô relojoeiro durante sua faculdade, desde a compra de livros e equipamentos até as ajudas financeiras para a alimentação e a festa de formatura, o pesquisador se sensibilizou com a intensidade do afeto e das saudades expressas. Esse momento de vulnerabilidade evidenciou como as raízes familiares, o exemplo e o suporte contínuo moldam identidades e motivações.

Conforme mencionado na seção anterior, as pesquisas sobre carreiras contemporâneas dedicam pouca ênfase aos contextos sociais dos agentes para explicar as diferenças nas trajetórias profissionais, especialmente daqueles com formações e posições aparentemente semelhantes. Para contrapor-se a essa tendência, o estudo buscou compreender os condicionantes sociais que influenciaram os percursos profissionais das médicas pesquisadas. Para isso, investigamos como as origens sociais das entrevistadas – que determinaram as diferenças nos volumes e estruturas de capitais disponíveis, principalmente o econômico e o social (Souza, 2019) – exerceram influência no desenvolvimento de suas carreiras, aparentemente análogas.

Para alcançar o objetivo foram entrevistadas quatro profissionais. Para fins de comparação dos percursos trilhados buscou-se garantir certa homogeneidade no “ponto de chegada” por meio da escolha de uma única especialidade médica (ginecologia e obstetrícia), da mesma delimitação geográfica (Rio de Janeiro, devido à maior acessibilidade ao pesquisador), do período semelhante de atuação profissional (entre 5 e 20 anos, formando-se entre 2000 e 2015), além do sexo feminino (considerando que 85% dos profissionais com esse perfil eram mulheres) e da disponibilidade para participação em entrevistas.

O foco da pesquisa em compreender prováveis diferenças nas trajetórias, decorrentes do contexto de origem social — que age como facilitador para uns e dificultador para outros — nos levou à segunda dimensão da escolha: buscar profissionais que, apesar de estarem em momentos profissionais semelhantes, tinham origens familiares bem diversas. Estabelecemos essas diferenças com base nas características do local de moradia na infância e na adolescência (capital econômico); no nível educacional dos pais (capital cultural) e se esses eram médicos ou não (capital social); além do tipo de escola – pública ou privada – que frequentaram (capitais cultural e econômico).

Após a definição do objetivo e do perfil das participantes utilizou-se a listagem disponível no site do Conselho Federal de Medicina (CFM), complementada por buscas nas redes sociais e na internet para identificar potenciais entrevistadas. Os primeiros contatos ocorreram por correio eletrônico e por mensagens nas redes sociais, com a apresentação do estudo e do pesquisador. Contudo, nenhuma das seis médicas contatadas aceitou participar: duas não responderam e as demais desistiram, alegando preocupações com a segurança pessoal e limitações de tempo.

Diante dessas dificuldades optou-se por recorrer à rede pessoal, a partir de círculos de amizade da esposa do primeiro autor, que indicou duas colegas aparentemente adequadas ao perfil. Assim, foram contatadas as primeiras participantes, Odília e Rita. Também foi solicitada à primeira participante, Odília, uma apresentação prévia do pesquisador a outras colegas, o que funcionou como um “empréstimo” de confiança. Esse processo resultou na aceitação das quatro médicas entrevistadas, o que se aproxima da técnica *snowball* (Noy, 2008), utilizada para selecionar participantes por meio de cadeias de referência. A Tabela 1 sintetiza os perfis das quatro médicas entrevistadas.

Tabela 1 - Descrição das Famílias de Origem e da Educação Escolar das Médicas Entrevistadas

Nome (fictício)	Augusta	Rita	Anna	Odília
Perfil da família	I	II	II	III
Mãe				
nível educacional	Ensino superior	Ensino médio	Ensino superior	Ensino fundamental
ocupação	analista TI	dona de casa	bancária	empregada doméstica
Pai				
educação	Ensino superior	Ensino médio	Ensino superior	Ensino médio
ocupação	médico	empresário	empresário	serviços gerais
Classe social	alta	média	média	baixa
Escola				
niv. Fund.	privada	privada	privada	pública
niv. Médio	privada	privada	pública	privada
niv. Superior	privada	privada	pública	pública

Fonte: Elaborado pelos autores

Nota: Os nomes fictícios tiveram como alusão personalidades relevantes na história de mulheres que atuaram nessa profissão ou na área da saúde.

O método história vida tem, nas entrevistas abertas e em profundidade, sua principal estratégia de acesso ao campo. A entrevista aberta empregada no estudo seguiu as orientações de Atkinson (2001). Antes do início da entrada no campo, o pesquisador realizou algumas entrevistas-piloto com o objetivo de se acostumar ao método, permitindo perceber-se atuando e pensando sobre sua postura ao longo de todo o desenvolvimento da entrevista. Nesse momento, começou a emergir a reflexividade do pesquisador (Bourdieu, 2017), quando suas visões de mundo, capitais culturais e sociais adquiridos ao longo da vida, além de pré-conceitos e preconceitos, foram expostos às observações, escutas e interações com as informantes do estudo. Ainda que não se possa eliminar esses vieses, a consciência de sua existência é importante para que o pesquisador esteja atento à subjetividade inerente ao processo de investigação, levando-o à reflexão permanente acerca deles. Esse foi o caminho encontrado pelo pesquisador para lidar com esses vieses.

O uso do método história de vida é trabalhoso e demorado, pois requer interações sucessivas com os sujeitos investigados. Na primeira entrevista com cada médica, foram utilizados os dez minutos iniciais para o “quebra-gelo”, no qual se falou sobre o estudo, os objetivos, alguns detalhes do método, a história de vida e como seria cada uma das três entrevistas planejadas. Essa última informação foi particularmente importante porque o método exigia da entrevistada uma grande disponibilidade de tempo. Nesse momento, também lhes era informado que não haveria perguntas diretas, mas que as entrevistadas contariam livremente suas trajetórias; ou seja, a frase que dava início à entrevista já dizia: “Conte-me sua história...”. A partir desse momento, o pesquisador evitou interromper e falou o mínimo possível, deixando que a entrevistada fosse buscando na memória e reconstruindo, nos relatos, sua trajetória de vida, o que causou certa surpresa para algumas, como para a médica Rita que falou: “Você tem alguma pergunta específica? É mais aberto, né? [risos]”.

Com base na experiência obtida nas entrevistas-piloto realizadas previamente a este estudo para a familiarização do pesquisador com o método, observou-se que algumas entrevistadas solicitavam orientação sobre como relatar suas trajetórias. Cientes de que a abordagem não deve seguir uma estrutura rígida, mas sim adaptar-se às características do campo, aos objetivos do estudo e ao método, optamos por dedicar cada uma das três entrevistas previstas a uma fase específica da trajetória de vida. Essa decisão segue a proposta de Queiroz

(1991), que recomenda organizar as histórias por fases da vida, o que permite uma abordagem mais clara e focada, mas que não impediu as entrevistadas de falarem indistintamente sobre os diferentes momentos da vida em qualquer uma das entrevistas.

Nos primeiros contatos e na forma como se desenvolveu o relacionamento entre o pesquisador e a entrevistada foi sendo construído o vínculo de confiança, ou até amizade, como se refere Bosi (2003, p. 61), ao afirmar que, caso não fosse assim, “a entrevista seria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro”. A construção do vínculo é essencial para a aplicação da abordagem, pois sua ausência pode comprometer o andamento das entrevistas. Nesse sentido, previu-se, inicialmente, a realização de um encontro informal, em local indicado pela entrevistada, com o objetivo de iniciar o relacionamento e apresentar o estudo. Essa etapa ocorreu apenas com a primeira entrevistada, Odília. Após a conversa no café do hospital onde trabalhava, iniciou-se o período de restrições aos contatos sociais devido à pandemia do coronavírus (Covid-19).

Diante disso, foi necessário adaptar o desenho da pesquisa e as entrevistas de aproximação passaram a ocorrer virtualmente, por meio de aplicativos de teleconferência. A necessidade de fazer essa mudança nos levou, em um primeiro momento, a temer prejuízos no relacionamento com as entrevistadas, mas, ao final, acreditamos que não houve interferências significativas. Foram realizadas três entrevistas com cada médica, gravadas em vídeo, a maioria delas por meio da plataforma *Google Meet*.

O método desafia o pesquisador a refletir sobre os papéis preestabelecidos no campo acadêmico desde a definição do objeto de pesquisa. Geralmente, percebe-se uma hierarquia entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados, com o pesquisador considerado superior. A adoção dessa abordagem requer o abandono de uma posição de superioridade e a busca por maior simetria entre pesquisador e pesquisado (Ferrarotti, 2007). Contudo, trata-se de um exercício complexo que o pesquisador procurou enfrentar ao longo do estudo.

Cada médica participou de três encontros, realizados entre junho de 2020 e junho de 2021, com intervalos de seis a doze meses entre o primeiro contato e a conclusão da fase de entrevistas, devido a cancelamentos decorrentes da pandemia e a imprevistos pessoais. Foram realizadas 12 entrevistas, totalizando 11 horas e 26 minutos de gravação, com duração média de 1 hora por entrevista. Em média, foram gravadas 2 horas e 52 minutos de conversas com cada médica. As transcrições das entrevistas resultaram em aproximadamente 120 páginas de texto para cada médica. Inicialmente, não sabíamos se três entrevistas seriam suficientes, então combinamos com as entrevistadas que haveria entre 3 e 4 entrevistas, com duração de 40 a 60 minutos, a fim de que pudessem se organizar e reservar tempo para as conversas. No decorrer do estudo, constatou-se que três entrevistas foram suficientes, pois proporcionaram relatos ricos e consistentes que subsidiaram as respostas às questões de pesquisa. Esse resultado está em consonância com Queiroz (1991), que afirma que o número de entrevistas deve ser suficiente para gerar material que permita comparações, evidenciando convergências e divergências entre os participantes.

A reflexividade foi exercida por meio de notas de campo, nas quais o entrevistador registrou dúvidas, decisões e percepções, reconhecendo seu papel ativo na interpretação dos relatos. Após cada entrevista, enviaram-se às participantes os textos com interpretações e análises, garantindo validação e retroalimentação. A condução das entrevistas privilegiou o silêncio do pesquisador, que interrompia apenas para aprofundar temas em pausa, prática refinada ao longo do processo. Além disso, o uso do software MaxQDA permitiu agrupar trechos temáticos independentemente de sua ordem cronológica.

Diante do abundante material obtido nas entrevistas, característica desta abordagem, a etapa de análise dos relatos também exigiu mais tempo - em comparação a outros métodos qualitativos - para sua execução, peculiaridade do método que deve ser considerada no desenho da pesquisa. Ressaltamos que a falta de planejamento do tempo para realizar o estudo pode se

tornar um limitante e prejudicar os resultados; por isso, o pesquisador deve considerar essa questão ao escolher o método.

O tempo dedicado à realização das longas entrevistas, bem como ao trabalho de transcrição, à leitura dos relatos e à análise das histórias de vida, é um aspecto relacionado ao desenho geral da pesquisa. Nesse sentido, a definição do número de participantes - aspecto relevante para pesquisas quantitativas ou para algumas pesquisas qualitativas vinculadas à perspectiva funcionalista - torna-se secundária quando se opta por trabalhar com histórias de vida. Não existe um número mínimo ou ideal de participantes, pois essa definição está relacionada, sobretudo, ao objetivo, ao escopo e ao prazo para realizar o estudo, à complexidade do tema, à estrutura e ao tamanho da equipe, entre outros aspectos.

É importante destacar que, ao utilizar o método, a qualidade das informações coletadas é mais importante do que a quantidade de entrevistados. O relato de uma única pessoa consegue desvelar comportamentos e valores desse sujeito que espelham aspectos relevantes da sociedade e dos grupos aos quais se integra (Queiroz, 1991). Portanto, é fundamental que o pesquisador dedique tempo e atenção suficientes para compreender e analisar as histórias de vida de cada entrevistado, a fim de produzir uma pesquisa rica em informações e significados.

Demartini também (2013) adverte que a preocupação do pesquisador não deve estar voltada ao número de sujeitos a serem entrevistados, mas sim à busca de pessoas que possam contribuir de forma significativa para o objetivo do estudo. A definição do quantitativo de entrevistas será delineada durante o processo de pesquisa; para isso, a sugestão de Marre (1991) é analisar e identificar, após cada entrevista, os principais aspectos e acontecimentos narrados relacionados ao objetivo do estudo. Após isso, devem ser incluídas novas entrevistas até que não haja fatos novos e se considere que o objetivo do estudo foi atingido.

No que se refere às análises dos relatos, devemos estar conscientes de que, apesar de existirem diretrizes e orientações sugeridas por alguns autores (Atkinson, 2001; Demartini, 2013; Queiroz, 1991), não há um único caminho a seguir. No estudo em questão, optamos por empregar a análise temática ao conteúdo das entrevistas, bem como às demais informações, tais como o histórico da origem da profissão, obtidas no trabalho de campo (Riessman, 2008). Além disso, diante das diversas abordagens temáticas disponíveis, adotamos a proposta de Braun e Clarke (2006) por sua adequação aos objetivos e à abordagem qualitativa do estudo.

O extenso material obtido no trabalho de campo foi organizado e arquivado com o auxílio de *software* de análise qualitativa (Creswell, 2014), também denominado *Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software* (CAQDAS), utilizando o programa MaxQDA 2022, *Analytics Pro*, versão 22.0.1, em português. O uso do *software* MaxQDA auxiliou na codificação e na reunião de trechos temáticos provenientes de diferentes entrevistas, favorecendo a construção de significados. A análise seguiu as seguintes etapas: 1) planejamento e organização; 2) transcrição das entrevistas e ajustes nos textos (apenas erros de transcrição); 3) leituras e tematização das histórias; 4) interpretação e análise dos relatos. Essas etapas não foram seguidas com rigidez, visto que, por vezes, foi necessário realizar ações combinadas e simultâneas. Após obter o primeiro rascunho das transcrições, seguimos as sugestões de Atkinson (2001) e realizamos novas escutas das gravações para verificar eventuais erros e, principalmente, identificar os significados originais das narrativas.

A reflexividade do pesquisador constitui um eixo central neste estudo, orientando-o a reconhecer sua própria posição social e intelectual no processo investigativo. Inspirado na “Teoria da Ação Prática” de Bourdieu (1989, 2001, 2017b), o entrevistador buscou compreender como seus *habitus*, capitais e visões de mundo influenciaram a observação, a escuta e a análise das histórias de vida das participantes. Essa postura implicou constante vigilância epistemológica, na tentativa de distinguir as interpretações dos sujeitos das próprias percepções do pesquisador, conforme a noção de “constructos de segundo grau” proposta por Castro (2014). Assim, a reflexividade foi exercida como prática de aprendizagem e de

autocrítica, reconhecendo o papel formativo do campo e a indissociabilidade entre o fazer empírico e o desenvolvimento do olhar científico.

Essas circunstâncias exigiram do pesquisador discernimento para avaliar cuidadosamente as escolhas e os caminhos percorridos, de modo que estivessem em harmonia epistemológica com o emprego do método história de vida. Tais definições, em geral, não são evidentes e podem apresentar obstáculos aos noviços no método, dificultando os passos iniciais e a compreensão dessa abordagem, de modo a encontrar coerência na episteme dos procedimentos adotados no estudo; sem preterir a busca por resultados que contemplem o rigor metodológico, necessário no trabalho científico.

Diante da vasta quantidade de informações obtidas nos relatos das médicas, a definição dos recortes temáticos exigiu uma cuidadosa reflexão analítica. Com base no referencial teórico utilizado no estudo foram estabelecidas três categorias principais: origem social, educação médica e carreira médica. Essas categorias nortearam a sistematização das entrevistas, organizadas em torno dos momentos distintos na trajetória das médicas. Contudo, ao ingressar no campo e avançar na análise, as subcategorias sofreram adaptações, refletindo a flexibilidade sugerida por Bourdieu que recomenda que a categorização deve responder aos achados empíricos.

Entretanto, mesmo com o surgimento de novas temáticas a partir dos relatos, como a influência a interação entre gênero, raça e classe nas trajetórias pessoais e profissionais, que gerou dúvidas e reflexões sobre os rumos do estudo, optamos por manter o foco inicial. Considerando a limitação temporal para a conclusão da pesquisa e o risco de dispersão dos objetivos, a análise concentrou-se no aspecto da classe social, alinhando-se ao objetivo central da investigação. Essa decisão buscou garantir a consistência e a profundidade do estudo no escopo previamente definido.

Hesitações podem ser considerados usuais ao iniciarmos o trabalho com uma nova abordagem, como foram as circunstâncias vivenciadas pelo primeiro autor deste artigo, em especial por ter formação em Administração e experiência acadêmica a partir de uma perspectiva positivista, em que as entrevistas e as práticas anteriores ocorreram de maneira estruturada. Apesar desses desafios, consideramos que a escolha do método foi fundamental para alcançar o propósito do estudo, pois a profundidade dos depoimentos obtidos permitiu desvelar aspectos das trajetórias das médicas pesquisadas, com ênfase na sua origem social, aspectos pouco acessíveis por meio de estratégias de pesquisa mais positivistas ou superficiais.

Para aprimorar nossas competências linguísticas e de redação, utilizamos, neste estudo, dois aplicativos: o Paperpal e o Grammarly. Ambas as ferramentas empregam inteligência artificial para aprimorar a qualidade do trabalho e desenvolver nossas habilidades de comunicação.

Na seção a seguir, apresentaremos parte dos resultados da tese sobre a carreira médica que utilizou o método história de vida. Essa abordagem nos permitiu aprofundar as narrativas e as experiências pessoais que moldam as jornadas profissionais nesse campo. Ao destacar esses insights, nosso objetivo foi oferecer uma compreensão mais aprofundada das complexidades e dinâmicas de uma carreira médica.

5. AS HISTÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE QUATRO MÉDICAS

Na tese que serviu de base para a elaboração do presente artigo, a apresentação dos achados foi iniciada com a síntese dos relatos sobre as histórias de vida e as trajetórias profissionais das quatro médicas; contudo, devido às restrições de espaço deste artigo, optamos por omitir este resumo.

Conforme anteriormente enunciado, a escolha de profissionais em estágios semelhantes da carreira resultou em grande homogeneidade de informações objetivas, como remuneração, local de trabalho e moradia atual, pois todas tinham carreiras bem consolidadas. Assim, apenas mediante o entendimento de vivências relacionadas à infância, à adolescência e à vida universitária que emergiram dos relatos, foi possível identificar situações particulares nas trajetórias profissionais dessas médicas e compreender as opções e escolhas disponíveis em cada percurso, bem como as facilidades e dificuldades enfrentadas por elas em decorrência de suas origens sociais. Apesar das semelhanças no momento atual de suas carreiras, a análise revelou aspectos importantes que influenciaram suas trajetórias, o que permite relativizar os discursos individualistas e meritocráticos dominantes nos estudos de carreira, que desconsideram o contexto.

Para ilustrar o uso do método história de vida na pesquisa da referida tese, iniciaremos com um breve apanhado dos achados empíricos, apresentando trechos ilustrativos dos relatos que evidenciam as influências das origens sociais nas trajetórias pessoais e profissionais dessas médicas. Em seguida, será apresentada uma síntese das escolhas, caminhos e decisões que marcaram suas trajetórias profissionais. Além disso, serão destacados aspectos relativos à aplicação do método história de vida no desenvolvimento do estudo, problematizando as particularidades e os desafios específicos dessa abordagem metodológica. Essa reflexão visa contribuir para um entendimento mais aprofundado das complexidades envolvidas na investigação das trajetórias profissionais por meio do método história de vida, considerando suas potencialidades e limitações.

Partindo do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu (2017) buscamos desvelar como as diferentes origens sociais influenciaram a vida e a carreira das quatro médicas. As distinções herdadas ou adquiridas no percurso de vida dessas mulheres ficaram visíveis graças à riqueza dos detalhes obtidos pelo emprego do método, o que dificilmente seria identificado em estudos com metodologias de pesquisa quantitativa ou em entrevistas direcionadas e estruturadas rigidamente.

Inicialmente, observou-se que os relatos de Odília e Augusta – médicas cujas origens sociais eram contrastantes - apresentavam características associadas, respectivamente, às classes “dos batalhadores” e “alta”, enquanto Rita e Anna mostravam maior proximidade com a denominada classe “média” (J. Souza, 2006).

Os aspectos microressaltados nos relatos não invalidam nem menosprezam os esforços individuais; evidenciam, entretanto, as influências desses fatores nas trajetórias pessoais e profissionais. Para abordar os aspectos imbricados às concepções bourdieusianas, os resultados foram apresentados na referida tese, em quatro tópicos relacionados aos capitais econômicos, culturais, sociais e simbólicos.

Observamos, nos relatos das médicas, que o capital econômico delimitou as escolhas e os caminhos que trilharam ao longo dos seis anos do curso de medicina. Augusta relatou que as monitorias que realizou resultaram em desconto nas elevadas mensalidades pagas pela mãe; porém, afirmou que a realização dessa atividade e de outras — como estágios e plantões — teve como principal motivação aprender e colocar em prática os conhecimentos em medicina. Entretanto, para Odília, essas atividades representavam uma forma de obter renda e suas escolhas foram feitas com base neste critério; foi necessário deixar o aspecto educacional em segundo plano, enfatizando o aspecto financeiro, visto que as dificuldades econômicas restringiam suas escolhas:

[...] se não existissem questões econômicas, talvez tivesse sido diferente. Eu pautei toda a minha faculdade, todas as oportunidades que eu tive de fazer, quer seja monitoria, plantão, estágio. Eu só fazia o que era remunerado. Eu não fazia nada de graça, porque eu não podia [risos], entendeu? (Odília).

Após a obtenção do diploma de medicina, quando iniciou o período de especialização na residência, Augusta relatou que a escolha pela ginecologia e obstetrícia se deu quando *rodou* (passou) na maternidade e gostou da obstetrícia, além de sua predileção por procedimentos clínicos cirúrgicos, sugerindo uma escolha vocacionada. Por outro lado, Odília comentou que sua escolha foi mais influenciada pelos aspectos financeiros, pois, como ela mesma disse: “eu escolhi fazer ginecologia e obstetrícia [...] muito pautada em questões econômicas”, visto que não exigia outra especialidade como pré-requisito e permitia atuar profissionalmente nessa área mais rapidamente. Ressaltamos que são estes detalhes e significados trazidos nos relatos que revelam o potencial da história de vida como método que, ao permitir observar o fenômeno de maneira aprofundada (Colomby *et al.*, 2016), traz à tona aspectos das escolhas profissionais mais sutis, indicativos das diferenças socioeconômicas das entrevistadas.

A existência de familiares com formação de nível superior — importante indicativo de maior capital cultural (Bourdieu; Passeron, 2018) — foi outro fator que favoreceu aquelas que gozavam desse privilégio – Augusta e Anna – por contribuir tanto no sentido de auxiliar no acompanhamento do conteúdo formativo médico quanto na percepção das possibilidades e dos caminhos que esse tipo de educação pode oportunizar. Augusta e Anna tiveram acesso aos exemplos e histórias dos pais sobre os anos na faculdade, o que provavelmente fez com que a opção por estudar na universidade fosse quase um *caminho natural*, uma repetição de trajetórias. Já para Odília e Rita, sem essas referências familiares, o ingresso na universidade representou a entrada em um universo novo e desconhecido no âmbito familiar, algo incomum e que possivelmente exigiu a quebra de paradigmas e a superação de barreiras.

Nos relatos de Odília, filha de uma empregada doméstica e um trabalhador manual, depreendemos que ela não consegue entender ou explicar de onde surgiu a vontade de cursar a faculdade, pois, como disse: “[...] *foi uma coisa que tirei detrás da orelha*”. Essa metáfora nos remete ao plano da magia, quando o apresentador retira uma moeda “detrás da orelha” do espectador; ação sem explicação lógica e, em um primeiro momento, perceptível aos olhos de quem aprecia o espetáculo. Todavia no relato de suas origens e dos familiares há pistas que nos ajudam a desvelar fragmentos do *habitus* adquirido que pode ter contribuído para essa escolha, improvável para alguém de seu estrato socioeconômico. Conforme postula Bourdieu (2011, p. 164): “[...] *Ele [o agente] não tem necessidade de saber conscientemente o que faz para fazê-lo, e menos ainda de se perguntar explicitamente (a não ser em algumas situações críticas) [...]*”. Nesse sentido, argumentamos que Odília, em vez de “tirar da orelha” a ideia de ingressar no curso de medicina, espelhou-se no exemplo “batalhador” da mãe para inspirar sua ambição.

[...] uma mineira que nasceu em uma cidade do interior, na “**roça**” [...], aos 15 anos, ela se mudou para o Rio [de Janeiro], porque lá em [Estado em que morava] não tinha muito com que ela pudesse **ganhar dinheiro**, então, ela se mudou para cá [RJ] para começar a trabalhar como doméstica (Odília, grifos nossos).

Outro ponto que merece destaque é o fato de as trajetórias educacionais e profissionais de Augusta e Anna, que dispunham de maior capital econômico, mas não somente dele, terem sido movidas pelo intuito de aperfeiçoamento; seus relatos valorizam a dedicação à participação em atividades de capacitação médica. Ao compararmos as quatro entrevistadas constatamos que as duas dedicaram mais tempo à formação médica: elas dedicaram, respectivamente, 12 anos e meio e 11 anos às atividades de educação na medicina, em contraste com Odília e Rita, que, premidas por necessidades materiais, dedicaram 9 anos aos estudos formais.

Ao analisarmos as trajetórias também observamos circunstâncias que evidenciaram o acúmulo de capital social, proveniente de redes de relações e de afiliações a grupos sociais (família, instituições e corporações, entre outras), o que pode ter facilitado o acesso a determinadas posições profissionais. As distinções podem ter se refletido, entre outros aspectos, nas oportunidades de emprego, nas diferenças remuneratórias e nos convites para posições de

liderança. Conforme ressalta Bourdieu (2017), os diferentes volumes de capitais sociais, culturais e econômicos, herdados ou obtidos, influenciam as trajetórias, facilitando o caminho para uns e dificultando-o para outros.

Na condução das entrevistas, o recurso às notas de campo do pesquisador contribuiu para sua reflexividade: as reflexões sobre os relatos eram interpretadas à luz do referencial teórico, bem como serviam de ferramenta para registrar dúvidas, escolhas e percepções, além de reconhecer seu papel ativo na interpretação das histórias. Essas notas também auxiliaram na retomada das entrevistas, considerando que os três encontros com cada médica ocorreram em períodos que variaram entre seis e doze meses, desde o primeiro contato até a conclusão das entrevistas. Além disso, o pesquisador manteve contatos posteriores para encaminhar os textos dos relatos e as análises realizadas, permitindo que as entrevistadas revisassem e contribuíssem para a validação dos dados.

É importante destacar que a reflexividade do pesquisador constituiu o eixo central do estudo, manifestando-se no reconhecimento de que as entrevistas transcenderam a mera coleta de dados, tornando-se espaços quase terapêuticos para as médicas entrevistadas. Situações cotidianas, como interrupções pelo choro do filho pequeno ou a participação espontânea de familiares, como a filha que busca atenção e interage com o pesquisador, ou a mãe da entrevistada que ajuda a lembrar da infância, evidenciam a complexidade do ambiente virtual de pesquisa e a convivência entre a vida profissional e a pessoal. Outro exemplo de reflexividade ocorreu quando uma das médicas estava em um plantão noturno e, apesar do barulho e de possíveis interrupções, considerou aquele o momento mais tranquilo para a entrevista, emocionando-se ao relembrar dificuldades pessoais. Esses episódios, que levavam a pausas involuntárias e reflexões sobre suas trajetórias, revelaram o caráter terapêutico da pesquisa, expresso pelas próprias médicas ao afirmarem: “parece que estou fazendo terapia...”.

Ao analisarmos as trajetórias profissionais, também observamos aspectos indicativos de amadurecimento profissional, como a abertura de consultório particular próprio, o que pode representar um momento de ápice da carreira médica e possibilitar maior remuneração pelos serviços desse profissional. Nesse sentido, tanto Augusta quanto Odília já haviam alcançado essa conquista no momento da entrevista. Novamente, o mergulho nas histórias de vida permitiu revelar diferenças associadas às distintas origens sociais: Augusta abriu o empreendimento em parceria com o padrasto (médico) cinco anos após concluir a medicina, ainda na fase inicial da carreira, enquanto Odília o fez após onze anos, já na fase intermediária.

Outros aspectos foram evidenciados nos relatos sobre as diferenças nas trajetórias, indicando que a forma como viveram esse percurso revelou que foi mais árduo e mais difícil, sobretudo para Odília. Já para Anna, Augusta e Rita, o caminho trilhado foi mais tranquilo e exigiu menos abstenção, esforço e resiliência. Além disso, a diferença de tempo para alcançar posições semelhantes na carreira foi outro aspecto que sobressaiu, com menor tempo para quem dispunha de maiores volumes de capital econômico e social.

Ao ouvir os relatos, percebemos um ato de confiança por parte das entrevistadas, pois compartilharam momentos difíceis de suas trajetórias, pouco abordados em seu cotidiano ou com outras pessoas. A aplicação do método história de vida evidenciou a importância do pesquisador abandonar a posição de superioridade, buscando uma relação mais simétrica e humanizada com o pesquisado. Ouvir com atenção e respeito relatos de momentos dolorosos, em que silêncio e tempo para a recomposição foram necessários, revelou-se fundamental. Esse vínculo de confiança, e até amizade, desenvolvido durante o estudo, foi essencial para a abordagem, prevenindo que a entrevista se tornasse uma “apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro”.

Continuando com os resultados, destacamos que a influência da origem e do capital social nas trajetórias profissionais de Augusta e Odília pode ser observada na diferença entre os convites para cargos que receberam e as oportunidades de emprego que lhes foram

oferecidas. Esses convites geralmente vieram de pessoas com quem elas mantinham relações nos grupos sociais dos quais faziam parte. O tamanho de suas redes de relações, os convívios que tinham nos espaços sociais e o status social das pessoas de seu círculo foram fatores que possivelmente influenciaram suas trajetórias profissionais. Augusta recebeu o convite de um membro do *staff* da residência para trabalhar na unidade de maternidade do hospital, localizado em uma área nobre da capital carioca, com equipamentos modernos, prestigiado e disputado pelos médicos. Já Odília recebeu uma informação repassada por uma colega da faculdade, dizendo: “[estão contratando lá...]”, uma vaga com menos privilégios, oferecida sem distinção a todos os médicos, para a unidade do hospital-maternidade localizada em região periférica do Rio de Janeiro, como ela disse: “sempre ofereciam vaga para lá”. Assim, observamos que as oportunidades de emprego — espaços mais ou menos disputados, com melhor ou pior localização geográfica, ou ainda com maior ou menor remuneração — frequentemente refletem o espaço social que ocupam.

Quando analisamos os detalhes dos relatos observamos que, se a análise se limitasse aos aspectos macro (como remuneração ou especialidade), as carreiras das médicas poderiam ser consideradas homogêneas e bem-sucedidas. No entanto, o mergulho nas histórias de vida possibilitou o acesso aos detalhes das vivências na infância, na adolescência e na vida universitária, permitindo desvelar as diferenças nas trajetórias de vida e profissionais.

Assim, entendemos que a história de vida (HV) apresenta contribuições metodológicas relevantes para a Administração, área que, historicamente, tem feito pouco uso dessa abordagem. Ao valorizar a dimensão humana e possibilitar uma compreensão mais ampla, o método tem potencial para alavancar os Estudos Críticos em Administração e oferece um contraponto à lógica funcionalista. Especificamente em estudos de carreira, a HV supera o foco individualista dos modelos contemporâneos de carreiras, ao inserir os aspectos micro da origem social e do contexto, integrando os níveis de análise individual, organizacional e social. Além disso, reforça o rigor científico por meio da profundidade da informação obtida e da co-construção narrativa e reflexiva, em contraste com a contagem de categorias de conteúdo. A reflexividade e a transparência do método (por exemplo, o uso de notas de campo) são vitais para a credibilidade e a validade da pesquisa.

Nos relatos das quatro médicas, encontramos nas escolhas profissionais e educacionais preponderâncias de aspectos relacionados ao volume e à estrutura dos capitais disponíveis para essas médicas, desde a escolha do curso de medicina, da especialidade, até as oportunidades que algumas tiveram de realizar cursos de pós-graduação. Também as experiências profissionais, as viagens internacionais, além do capital social representado pelas relações e interações vivenciadas nos espaços sociais em que conviveram, foram elementos que marcaram e influenciaram as trajetórias de carreira dessas médicas, aspectos que questionam a *aparente* semelhança na profissão que uma observação superficial sugeriria, contribuindo para alcançar o objetivo da pesquisa.

5.1 REFLEXÕES SOBRE OS PRINCIPAIS DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DE VIDA

Buscando fortalecer a aplicação da história de vida (HV) e aprimorar a prática dos pesquisadores, esta seção sintetiza as principais contribuições, bem como os desafios e “estranhamentos” metodológicos vivenciados nos percursos de planejamento e de realização da pesquisa sobre as trajetórias de carreira das médicas. As Tabelas 2 e 3 sintetizam esses desafios e reflexões e podem auxiliar futuros pesquisadores em Administração que venham a utilizar o método.

Tabela 2 - Principais Desafios no Emprego do Método História de Vida (HV)

Categoria de Desafio	Desafios e dificuldades encontrados/reconhecidos
Coerência Epistemológica e Analítica	A escolha do procedimento analítico (Análise de conteúdo positivista) pode não estar alinhada com o método HV, por ser imbuída de objetivismo e pressupostos positivistas, desconsiderando o contexto dos relatos.
	A importação e emprego direto de referências de outras disciplinas sem análise das distinções do campo da Administração podem levar ao emprego equivocado da abordagem. Existem obstáculos epistemológicos e metodológicos, especialmente na distinção entre o “ato de viver”, o “ato de contar” e o interpretar a história.
Tempo e Planejamento	O método é trabalhoso e demorado, pois requer sucessivas interações com os sujeitos investigados.
	O maior tempo necessário para a realização de longas entrevistas é frequentemente considerado uma limitação (embora seja, também uma potencialidade).
	O trabalho de análise dos relatos exige um tempo maior em comparação a outros métodos qualitativos, o que deve ser considerado no desenho da pesquisa. A falta de planejamento do tempo para a execução do estudo pode se tornar um limitador e prejudicar os resultados.
Postura do Pesquisador (Reflexividade Inicial)	Pesquisadores com formação e experiência positivista podem sentir dificuldades e hesitações ao iniciar o trabalho com essa abordagem, menos estruturada.
	A abordagem exige o abandono da posição de superioridade do pesquisador em relação ao entrevistado, buscando maior simetria, o que é um exercício complexo no campo acadêmico. O formato aberto da entrevista (“Conte-me sua história...”) pode causar desconforto em alguns entrevistados acostumados a perguntas mais objetivas.
Limitações de Apresentação	A restrição de espaço em artigos para apresentar a síntese completa das histórias de vida e dos relatos detalhados reduz a riqueza dos detalhes da pesquisa, que é uma característica peculiar ao método.
	A divulgação e publicação do estudo exige a busca e escolha de revistas apropriadas, que tenham alinhamento e abertura para esta perspectiva que se diferencia dos métodos positivistas.

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o objetivo de oferecer uma compreensão mais aprofundada das complexidades envolvidas na aplicação do método história de vida, destacando tanto as potencialidades quanto os desafios, a Tabela 3 fornece uma visão geral detalhada que sintetiza considerações e *insights* decorrentes da experiência de pesquisa relatada.

Tabela 3 - Principais Reflexões e Sugestões Finais para Pesquisadores Iniciantes

Foco da Sugestão	Reflexões e sugestões do estudo
Prioridade Qualitativa	A qualidade das informações coletadas é mais importante do que a quantidade de entrevistados, pois o relato de uma única pessoa pode desvelar aspectos relevantes do grupo social.

	<p>O tempo dedicado às entrevistas longas deve ser visto como um fator crucial para a profundidade do estudo e para a obtenção de detalhes narrativos ricos que inspiram saltos conceituais, e não como uma limitação.</p>
Análise de Dados	<p>A Análise Temática (Braun e Clarke, 2006; Riessman, 2008) é uma forma de análise recomendada por se basear em relatos amplos e mantê-los como unidades de análise, o que é mais adequado à natureza não diretiva da HV.</p>
Postura e Reflexividade	<p>A reflexividade do pesquisador deve ser um eixo central, buscando exercer a vigilância epistemológica para reconhecer como o próprio <i>habitus</i> e capitais influenciam a observação e a análise.</p> <p>O pesquisador deve registrar o processo reflexivo e as decisões metodológicas por meio de notas de campo.</p> <p>Adotar uma abordagem que trate os entrevistados como sujeitos e autores de suas próprias histórias, buscando a humanização e a simetria na relação.</p>
Contribuições para a Administração	<p>O método história de vida (HV) é fundamental para inserir aspectos micro nos estudos de carreira (como contexto e origem social), opondo-se à visão meritocrática e individualista dominante.</p> <p>A HV permite desvelar diferenciações ocultas nas trajetórias que uma observação superficial (aspectos macro) não identificaria, relativizando a aparente homogeneidade profissional.</p>
Avanço no Campo	<p>As reflexões sobre o uso da abordagem devem encorajar pesquisadores da Administração a superar o estranhamento e as dificuldades face à utilização do método, enriquecendo os estudos.</p> <p>Sugere-se que estudos futuros compartilhem as experiências de iniciantes e iniciados com o método, detalhando procedimentos operacionais.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da apresentação, em caráter ilustrativo, do recorte de um estudo mais amplo sobre a carreira médica, o presente artigo procurou destacar o potencial do método história de vida para pesquisas no campo da Administração, bem como refletiu sobre os desafios enfrentados pelos pesquisadores ao utilizá-lo.

A principal contribuição do artigo foi reunir elementos empíricos e teóricos para auxiliar na compreensão da utilização do método, apresentando relatos de procedimentos operacionais à semelhança de outros estudos com propósitos análogos (Closs; Rocha-de-Oliveira, 2015; Jaime *et al.*, 2007; Rodrigues; Lopes, 2019). O artigo apresentou algumas peculiaridades e possibilidades do método, indicou os cuidados necessários no desenvolvimento do desenho de pesquisa com essa abordagem, exemplificou seu uso e trouxe reflexões sobre as eventuais dificuldades que podem surgir no percurso da pesquisa. Para facilitar o entendimento dos procedimentos operacionais e reflexões decorrentes do uso da história de vida (HV) foram elaboradas as Tabelas 2 e 3 que sintetizam os desafios no emprego da abordagem e oferecem reflexões e sugestões para os pesquisadores. O rigor científico e o tempo dedicado às entrevistas (cerca de 12 horas de gravações) revelaram-se cruciais, garantindo a profundidade da investigação e permitindo o acesso a relatos detalhados que sustentaram os debates conceituais. Em termos de coerência analítica, a escolha pela Análise Temática (Braun & Clarke, 2006) foi considerada mais pertinente à natureza não diretiva da HV do que a Análise de Conteúdo

tradicional (Bardin, 2011), pois preservou a amplitude dos relatos como unidades de análise, evitando o risco de objetivismo e de descontextualização.

Adicionalmente, a reflexividade e a co-construção foram apontadas como aspectos importantes no uso do método. No campo, o primeiro autor do artigo empreendeu um esforço contínuo para reconhecer e superar seu próprio *habitus* e formação positivista, promovendo uma transformação na prática: a relação com as entrevistadas foi humanizada, sendo essas tratadas como agentes autorais de suas histórias e não meras fontes de dados; como pessoas que compartilhavam suas histórias de vida, incluindo momentos tristes e alegres, demonstrando confiança ao compartilharem tais relatos com o pesquisador.

O estudo empírico que ilustrou o artigo mostrou que, apesar de as médicas estarem em momentos semelhantes da carreira, uma análise aprofundada de suas histórias de vida revelou diferenças significativas em suas trajetórias relacionadas às distintas origens sociais, o que possibilitou questionar a aparente homogeneidade que o atual momento de vida sugere. Assim, com o uso do método, foi possível relativizar os discursos individualistas e meritocráticos dominantes nos estudos de carreira ao evidenciar as influências do contexto e da origem social nas trajetórias profissionais dessas médicas, destacando a importância dos capitais econômicos, culturais, sociais e simbólicos na construção dessas trajetórias.

As limitações deste artigo incluem a forma excessivamente resumida como foram apresentadas as histórias, em função do espaço disponível para a escrita do artigo, o que levou a escolhas que podem ter limitado a riqueza de detalhes e o caráter ilustrativo da pesquisa. Esse é, aliás, um desafio adicional no uso do método, que requer escrita de longas passagens para apresentar o conteúdo obtido. Além disso, ao se optar pelo método história de vida (HV), não foram discutidas outras metodologias similares, como as autobiografias, as biografias e as narrativas.

Em vista das contribuições apresentadas sugere-se que futuras pesquisas na Administração explorem a abordagem história de vida, fortalecendo a presença deste método no campo. Por fim, recomenda-se a publicação de reflexões metodológicas transparentes e detalhadas, compartilhando as experiências e os desafios no uso da história de vida (HV), a fim de construir um corpo de conhecimento robusto e acessível pesquisadores da área.

Em síntese, argumenta-se, a partir dos achados da pesquisa apresentada, que a história de vida mostrou-se uma ferramenta poderosa para a produção de conhecimento com viés emancipatório, ao desnaturalizar narrativas de sucesso na carreira baseadas exclusivamente no mérito individual. A integração do contexto social à análise das carreiras reforça a importância dos Estudos Críticos na Administração e suscita uma reflexão profunda sobre as estruturas subjacentes às trajetórias profissionais.

REFERÊNCIAS

- ARTHUR, Michael B. The boundaryless career: a new perspective for organizational inquiry. **Journal of Organizational Behavior**, 15(4), 295–306. 1994.
- ATKINSON, Robert. The life story interview. *In: **Handbook of Interview Research: context & methods*** (pp. 120–140). Thousands Oaks, 2001. CA: SAGE Publications Inc.
- AVILA, L. K. M.; KAI, F. O.; LOURENÇO, M. L.; FERNANDES, C. História de vida nos estudos organizacionais: uma revisão sistemática brasileira. *In: **Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD)***. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. 2011.
- BARLEY, Stephen R. Careers, identities, and institutions: the legacy of the Chicago school of sociology. *In: **Handbook of career theory*** (pp. 41–65). Cambridge, NY: Cambridge University Press, 1989.
- BARROS, Vanessa Andrade de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. *In: **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*** (pp. 41–63). Vitória, Brasil: EDUFES, 2014.
- BERELSON, Bernard. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner, 1984.
- BOSI, É. A substância social da memória. *In: **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*** (pp. 13–48). Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação** (11^a ed.). Campinas - SP: Papyrus Editora, 2011.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento** (2nd ed.). Editora Zouk, 2017.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis-SC: Editora UFSC, 2018.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77–101. 2006.
- CARVALHO, J. C. B. de, & COSTA, L. F. (2015). História de vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica. **Revista Brasileira de Psicodrama**, 23(2). <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20150004>
- CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. Al.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. de. **Vocabulário Bourdieu** (1^a ed.). Autêntica Editora, 2017.
- CLOSS, Lisiane Quadrado; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. História de vida e trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**, 19(6), 525–543. 2015.

COLOMBY, Renato Koch; DA LUZ PERES, Amanda Grasiela; LOPES, Fernanda Tarabal; DA COSTA, Silvia Generali. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 3(8), 852–887. 2016.

COSTA, C. de L. The (mis)uses of life histories. The linguistic turn, life histories and (women's) life stories. **Horizontes Antropológicos**, 5(12), 133–151. 1999.

CRAWFORD, B.; CHILES, T. H.; ELIAS, S. R. S. T. A. Long Interviews in organizational research: unleashing the power of “show and tell.” **Journal of Management Inquiry**, 30(3), 331–346. 2021.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa** (3rd ed.). Porto Alegre-RS: Penso, 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, 17(51), 523–740. 2012.

DEMARTINI, Z. de B. F. Algumas anotações sobre história de vida e a prática de pesquisa em educação. **Revista Pedagógica**, 15(31), 229–247. 2013.

FERRAROTTI, F. Las historias de vida como método. **Convergência Revista de Ciências Sociais**, 44 (mayo-agosto), 15–40. 2007.

GRANATO, L.; LOPES, F. T.; COSTA, A. de S. M. da. Historia e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida. **Organizações & Sociedade**, 27(94), 508–531. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, 19(1), 161–175. 2018.

GODOY, A. S.; BRUNSTEIN, J.; BRITO, E. P. Z.; ARRUDA FILHO, E. J. M. **Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em Administração**. Editora FGV, 2020.

GUNZ, Hugh; PEIPERL, Maury. **Handbook of career studies** (Hugh Gunz & Maury Peiperl, Eds.). Los Angeles, CA: SAGE Publications, 2007.

HALL, Douglas T. The protean career: a quarter-century journey. **Journal of Vocational Behavior**, 65(1), 1–13. 2004.

IELLATCHITCH, Alexander; MAYRHOFER, Wolfgang; MEYER, Michael. Career fields: a small step towards a grand career theory? **International Journal for Human Resource Management**, 14(5), 728–750. 2003.

JAIME, Pedro; GODOY, Arilda Schmidt; ANTONELLO, Claudia Simone. História de vida: origens, debates contemporâneos e possibilidades no campo da Administração. *In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ/ANPAD)*, 1–10. Recife: Anpad. 2007.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In: E.*

FGV (Ed.), **Usos e Abusos da História Oral** (pp. 43–62). Pollak, 1996.

LEAVY, P. **Research design: quantitative, qualitative, mixed methods, arts-based, and community-based participatory research approaches**. The Guilford Publications, 2017.

MARRE, J. L. História de Vida e Método Biográfico. **Cadernos de Sociologia**, 3(3), 89–141. 1991.

MAYRHOFER, Wolfgang; IELLATCHITCH, Alexander; MEYER, Michael; STEYRER, Johannes, SCHIFFINGER, Michael; STRUNK, Guido. Going beyond the individual: Some potential contributions from a career field and habitus perspective for global career research and practice. **Journal of Management Development**, 23(9), 870–884. 2004.

MAYRHOFER, Wolfgang; MEYER, Michael; STEYRER, Johannes; LANGER, Katharina. Can Expatriation Research Learn from Other Disciplines?: The Case of International Career Habitus. **International Studies of Management & Organization**, 37(3), 89–107. 2007.

MAYRHOFER, W.; MEYER, M.; STEYER, J. **Contextual issues in the study of careers**. **Em Handbook of career studies** (p. 215–240). SAGE Publications, 2007.

MAYRHOFER, W.; GOODERHAM, P. N.; BREWSTER, C. Context and HRM: theory, evidence, and proposals. **International Studies of Management and Organization**, 49(4), 355–371. 2019.

MICHELAT, Guy. Sur l'utilisation de l'entretien non-directif en sociologie. **Revue Française de Sociologie**, 16(2), 229–247. 1975.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação** (9th ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. T. A. Queiroz (Ed.). São Paulo, SP, 1991.

RICOUER, P. **Temps et récit (Tomo 1)**. Ed. Seuil, 1983.

RICOUER, P. **Temps et récit (Tome 2)**. Ed. Seuil, 1984.

RICOUER, P. **Temps et récit (Tomo 3)**. Ed. Seuil, 1985.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human science**. Thousands Oaks, CA: SAGE Publications, 2008.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; FRAGA, A. M. Tempo, contexto, agência e sentido: retomando classe social para a discussão de carreira. *In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (EnGPR/ANPAD)*. 2017.

RODRIGUES, Lorenço; LOPES, Fernanda Tarabal. A história de vida de Renato: reflexões sobre homofobia, discriminação, assédio e violência contra gays no Brasil. *In: Encontro de Estudos Organizacionais (Eneo/ANPAD)*. 2019.



SCHNEIDHOFER, Thomas M. Bridging (at least?) sociology and psychology? A relational view on career boundaries at the nexus of structure and agency. *In: Annual Meeting of the European Group for Organizational Studies (EGOS)*, 1–26. Montreal: EGOS. 2013.

SCHNEIDHOFER, Thomas M.; LATZKE, Markus; MAYRHOFER, Wolfgang. Careers as sites of power: a relational understanding of careers based on Bourdieu's cornerstones. *In: A. Tatlil, M. Özbilgin, & M. Karatas-Özkan (Eds.), Pierre Bourdieu, organisation, and management* (pp. 19–36). New York, NY: Routledge, 2015.

SOUZA, Filipe A. S. de. Um toque de classe campo dos estudos de carreira. *In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Em Administração (EnANPAD)*, 1–17. São Paulo: Anpad. 2019.

SOUZA, Filipe A. S. de. O debate agência-estrutura nos estudos de carreira: avanços a partir de uma abordagem neobourdieusiana. *Revista Gestão e Planejamento*, 23, 550–565. 2022.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Rio de Janeiro, RJ: IUPERJ, 2006.

TEIXEIRA, Rodilon; LEMOS, Ana Heloísa da Costa; LOPES, Fernanda Tarabal. A história de vida na pesquisa em administração. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(4), 101–118. 2021.